

Variações Linguísticas

Texto I

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

Já vê... o banheiro não era longe, podia-se bem ir lá, de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzinha, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse.

(LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008. p. 65-66.)

Texto II

O tempo fecha.

Sou fiel aos acontecimentos biográficos.

Mais do que fiel, oh, tão presa! Esses mosquitos
que não largam! Minhas saudades ensurdecidas
por cigarras! O que faço aqui no campo
declamando aos metros versos longos e sentidos?
Ah que estou sentida e portuguesa, e agora não
sou mais, veja, não sou mais severa e ríspida:
agora sou profissional.

(CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d. p. 9.)

Texto III

Bom-Crioulo não pensou em dormir, cheio, como estava, de ódio e desespero. Ecoavam-lhe ainda no ouvido, como um dobre fúnebre, aquelas palavras de uma veracidade brutal, e de uma rudez pungente: “Dizem até que está amigado!”

Amigado, o Aleixo! Amigado, ele que era todo seu, que lhe pertencia como o seu próprio coração: ele, que nunca lhe falara em mulheres, que dantes era tão ingênuo, tão dedicado, tão

bom!... Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contacto de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, nas ânsias do gozo, por outra pessoa que não ele, Bom-Crioulo!...

Agora é que tinha um desejo enorme, uma sofreguidão louca de vê-lo, rendido, a seus pés, como um animalzinho; agora é que lhe renasciam ímpetos vorazes de novilho solto, incongruências de macho em cio, nostalgias de libertino fogoso... As palavras de Herculano (aquela história do grumete com uma rapariga) tinham-lhe despertado o sangue, fora como uma espécie de urtiga brava arranhando-lhe a pele, excitando-o, enfurecendo-o de desejo. Agora sim, fazia questão! E não era somente questão de possuir o grumete, de gozá-lo como outrora, lá cima, no quartinho da Rua da Misericórdia: - era questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer... Não, não era somente o gozo comum, a sensação ordinária, o que ele queria depois das palavras de Herculano: era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas... E havia de tê-lo, custasse o que custasse!

Decididamente ia realizar o seu plano de fuga essa noite, ia desertar pelo mundo à procura de Aleixo.

Inquieto, sobre-excitado, nervoso, pôs-se a meditar. O grumete aparecia-lhe com uma feição nova, transfigurado pelos excessos do amor, degenerado, sem aquele arzinho bisonho que todos lhe admiravam, o rosto áspero, crivado de espinhas, magro, sem cor, sem sangue nos lábios... Pudera! Um homem não resiste, quanto mais uma criança! Aleixo devia de estar muito acabado; via-o nos braços da amante, da tal rapariga - ele novo, ela mocinha, na flor dos vinte anos -, via-o rolar em espasmos luxuriosos, grudado à mulher, sobre uma cama fresca e alva - rolar e cair extenuado, crucificado, morto de fraqueza... Depois a rapariga debruçava-se sobre ele, juntava boca à boca num grande beijo de reconhecimento. E no dia seguinte, na noite seguinte, a mesma cousa.

(CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ediouro, s/d. p. 73-74.)

Texto IV

Mas quando todas as luzes da península se apagaram ao mesmo tempo, apagón lhe chamaram depois em Espanha, negrum numa aldeia portuguesa ainda inventora de palavras, quando quinhentos e oitenta e um mil quilómetros quadrados de terras se tornaram invisíveis na face do mundo, então não houve mais dúvidas, o fim de tudo chegara. Valeu a extinção total das luzes não ter durado mais do que quinze minutos, até que se completaram as conexões de emergência que punham em acção os recursos energéticos próprios, nesta altura do ano escassos, pleno verão, Agosto pleno, seca, míngua das albufeiras, escassez das centrais térmicas, as nucleares malditas, mas foi verdadeiramente o pandemónio peninsular, os diabos à solta, o medo frio, o aquelarre, um terramoto não teria sido pior em efeitos morais. Era noite, o princípio dela, quando a maioria das pessoas já recolheram a casa, estão uns sentados a olhar a televisão, nas cozinhas as mulheres preparam o jantar, um pai mais paciente ensina, incerto, o problema de aritmética, parece que a felicidade não é muita, mas logo se viu quanto afinal valia, este pavor, esta escuridão de breu, este borrão de tinta caído sobre a Ibéria, Não nos retires a luz, Senhor, faz que ela volte, e eu te prometo que até ao fim da minha vida não te farei outro pedido, isto diziam os pecadores arrependidos, que sempre exageram.

(SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.35-36.)

1. Considere as afirmativas a seguir, relativas aos textos I, II, III e IV.

I. O texto I exemplifica a presença de expressões próprias da oralidade no texto literário, o que se comprova em “já vê...” e “de a pé”.

II. No texto II, a presença da oralidade em “[...] Minhas saudades ensurdecidas por cigarras! [...]” é um recurso típico do modernismo português.

III. O texto III é um exemplo de variante histórica, pois traz marcas da norma padrão do português utilizado no Brasil do século XIX, como se nota em “cousa”.

IV. No texto IV, os vocábulos “quilómetros” e “acção” são marcas do português europeu, uma das variantes da língua portuguesa.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

2. Filme-enigma de Christopher Nolan gera discussões sobre significado e citações ocultas ou óbvias em sua trama onírica

Divulgação



Cena do longa de ficção científica "A Origem"

Certa vez o sábio taoísta Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta. Ao acordar, entretanto, ele não sabia mais se era um homem que sonhara ser uma borboleta ou uma borboleta que agora sonhava ser um homem.

Será que Dom Cobb está sonhando? Será que a vida real é esta mesma ou somos nós que sonhamos?

Alguns podem ir ao cinema para assistir "A Origem", de Christopher Nolan ("Batman - O Cavaleiro das Trevas") e achar tão chato que vão sonhar de verdade, dormindo na fase de sono REM.

Mas outros estão sonhando acordados. Em blogs, sites e grupos de discussão, os já fanáticos pelo filme de Nolan apontam referências (de mitologia grega), veem citações (de "Lost"), tecem teorias malucas e conspiratórias (o sonho dentro do sonho).

Alguns acusam o diretor de copiar filmes os mais variados, de "Blade Runner" (1982) a "eXistenZ" (1999), de se inspirar em "2001 - Uma Odisseia no Espaço" (1968) e até de roubar a ideia de um quadrinho do Tio Patinhas de 2002.

O fato é que Nolan acertou o alvo. E ele sabia do potencial "nerdístico" de seu filme. Tanto é que cogitou mudar a canção que toca no filme todo, "Non, Je Ne Regrette Rien", com Edith Piaf,

porque uma das atrizes escaladas, Marion Cotillard, havia vivido a cantora francesa em um filme de 2007.

(...)

Além da música, uma boa diversão de "A Origem" é identificar os objetos impossíveis deixados por Nolan ao longo do filme. A escada de Penrose, criada pelo psiquiatra britânico Lionel Penrose, aparece diversas vezes na tela - e também inspirou o quadro que tenta explicar facetas do longa.

Melhor ir ver o filme e não pensar em escadas... No que você está pensando agora?

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1908201010.htm>)

O texto permite afirmar que o potencial "nerdístico" do filme

- a) está associado às marcas de metalinguagem.
- b) advém da trama onírica que induz ideias subliminares.
- c) resulta das fortes referências intertextuais.
- d) origina-se da mistura entre realidade e ficção.
- e) decorre da associação entre o sonho e a escada de Penrose.

3.



BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la as variadas situações de comunicação.

Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é

- a) a opção pelo emprego da forma verbal "era" em lugar de "foi".
- b) a ausência de artigo antes da palavra "árvore".
- c) o emprego da redução "tá" em lugar da forma verbal "está".
- d) o uso da contração "desse" em lugar da expressão "de esse".

e) a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

4. S.O.S Português

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Dai vem o entendimento de que a escrita é mais complexa que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

S.O.S Português. Nova Escola. São Paulo: Abril, Ano XXV, n.º 231, abr. 2010 (fragmento adaptado).

O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se as marcas linguísticas próprias do uso

- a) regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
- b) literário, pela conformidade com as normas da gramática.
- c) técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
- d) coloquial, por meio do registro de informalidade.
- e) oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.

5.



HAGAR, o horrível. O Globo, Rio de Janeiro, 12 out. 2008.

Pela evolução do texto, no que se refere à linguagem empregada, percebe-se que a garota

- a) deseja afirmar-se como nora por meio de uma fala poética
- b) utiliza expressões linguísticas próprias do discurso infantil.
- c) usa apenas expressões linguísticas presentes no discurso formal.

- d) se expressa utilizando marcas do discurso formal e do informal.
- e) usa palavras com sentido pejorativo para assustar o interlocutor.

6. Mostre que sua memória é melhor do que a de computador e guarde esta condição: 12x sem juros.

Campanha publicitária de loja de eletroeletrônicos. Revista Época. N.º 424, 03 de jul. 2006.

Ao circularem socialmente, os textos realizam-se como práticas de linguagem, assumindo configurações específicas, formais e de conteúdo. Considerando o contexto em que circula o texto publicitário, seu objetivo básico é:

- a) influenciar o comportamento do leitor, por meio de apelos que visam à adesão ao consumo.
- b) definir regras de comportamento social pautadas no combate ao consumismo exagerado.
- c) defender a importância do conhecimento de informática pela população de baixo poder aquisitivo.
- d) facilitar o uso de equipamentos de informática pelas classes sociais economicamente a) desfavorecidas.
- e) questionar o fato de o homem ser mais inteligente que a máquina, mesmo a mais moderna.

7. Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.

Queiroz, R. O Estado de São Paulo. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se

- a) na fonologia.
- b) no uso do léxico.
- c) no grau de formalidade.
- d) na organização sintática.
- e) na estruturação morfológica.

8. O texto a seguir é um trecho de uma conversa por meio de um programa de computador que permite comunicação direta pela Internet em tempo real, como o MSN Messenger. Esse tipo de conversa, embora escrita, apresenta muitas características da linguagem falada, segundo alguns

linguistas. Uma delas é a interação ao vivo e imediata, que permite ao interlocutor conhecer, quase instantaneamente, a reação do outro, por meio de suas respostas e dos famosos emoticons (que podem ser definidos como “ícones que demonstram emoção”).

João diz: oi

Pedro diz: blz?

João diz: na paz e vc?

Pedro diz: tudo trunk 😊

João diz: oq vc ta fazendo?

[...]

Pedro diz: tenho q sair agora...

João diz: flw

Pedro diz: vlw, abc

Para que a comunicação, como no MSN Messenger se dê em tempo real, é necessário que a escrita das informações seja rápida, o que é feito por meio de

- a) frases completas, escritas cuidadosamente com acentos e letras maiúsculas (como “oq vc ta fazendo?”).
- b) frases curtas e simples (como “tudo trunk”) com abreviaturas padronizadas pelo uso (como “vc” — você — “vlw” — valeu!).
- c) uso de reticências no final da frase, para que não se tenha que escrever o resto da informação.
- d) estruturas coordenadas, como “na paz e vc”.
- e) flexão verbal rica e substituição de dígrafos consonantais por consoantes simples (“qu” por “k”).

9. De todos esses periquitinhos que tem no Brasil, tuim é capaz de ser o menor. Tem bico redondo e rabo curto e é todo verde, mas o macho tem umas penas azuis para enfeitar. Três filhotes, cada um mais feio que o outro, ainda sem penas, os três chorando. O menino levou-os para casa, inventou comidinhas para eles; um morreu, outro morreu, ficou um.

Rubem Braga

Das afirmações sobre o verbo destacado em “que tem no Brasil”, qual a única incorreta?

- a) É um uso típico da variante popular da língua.
- b) Pode ser corretamente substituído por há.
- c) Seu valor semântico difere daquele que apresenta nas demais ocorrências.
- d) É um verbo impessoal cujo objeto direto é o pronome que.
- e) Pode ser corretamente substituído por existe.

Gabarito

1. E

A afirmativa II está errada, pois não existem marcas de oralidade no trecho em “[...] Minhas saudades ensurdecidas/ por cigarras! [...]” e é inadequado o uso de uma autora brasileira como exemplo de características do Modernismo português. Todas as demais afirmações são corretas.

2. C

O termo “nerd” caracteriza, de forma estereotipada, uma pessoa com inteligência acima da média e que exerce intensas atividades intelectuais. As inúmeras referências a que o filme de Nolan faz alusão, algumas explícitas como, por exemplo, a escada de Penrose e outras tecidas pela imaginação do público (“Blade Runner”, “eXistenZ”, “2001 - Uma Odisseia no Espaço”, quadrinho do Tio Patinhas) permitem afirmar que o potencial “nerdístico” do filme resulta do interesse que provoca no mundo intelectual, como se afirma em [C].

3. C

Na opção a), o pretérito imperfeito reproduz um passado ainda presente no momento da enunciação, em b), o substantivo está sendo usado de uma forma genérica, o que torna pertinente a ausência do artigo. Em d), acontece a aglutinação da preposição com o pronome demonstrativo e em e), o pronome enfatiza a emoção do enunciador. Assim, a única opção que apresenta linguagem oral informal é c), pois é comum a redução das palavras no cotidiano do falar brasileiro, usando “tá” em vez de “está”.

4. C

O texto tematiza as diferentes formas linguísticas de expressão, sobretudo no que diz respeito às modalidades oral e escrita. Ao abordar o assunto em uma revista destinada a professores, o autor usa a função metalinguística da linguagem, já que usa o código para explicar o próprio código, ou seja, usa termos técnicos (“código”, “regras gramaticais”), típicos de textos científicos, para analisar a própria língua.

5. D

A formalidade do discurso da garota é interrompida no último quadro, quando usa a expressão “vai ter de tomar jeito”, típica da linguagem informal, para insinuar que, quando casar com Hamlet, Hagar deve melhorar o seu comportamento.

6. A

A mensagem é centrada no receptor e organiza-se de forma a influenciá-lo, ou chamar a sua atenção. O uso de verbos no imperativo (“mostre” e “guarde”) configura a função apelativa ou conativa da linguagem de maneira a persuadir o leitor e obter sua adesão ao consumo, sobretudo ao facilitar a forma de pagamento.

7. A

A Fonologia (do Grego *phonos* = som e *logos* = estudo) é o ramo da Língua que estuda o sistema sonoro de um idioma. Ao comentar as variações que se percebem no falar de pessoas de diferentes regiões (“Têm uns tês doces, quase um the; já nós, áspers sertanejos, fazemos um

duro au ou eu de todos os terminais em al ou el – carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer”), a autora analisa as mudanças fonéticas características de cada região.

8. B

O candidato descartaria a alternativa A, porque a linguagem usada no MSN é elaborada a partir de um código próprio, diverso das frases cuidadosas, grandes, cujas palavras recebem acento. A afirmação C está correta, mas é incompleta, tomando como referência a alternativa B e o enunciado.

A alternativa D está incorreta, porque essa estrutura coordenada não é exclusiva de uma mensagem rápida.

A flexão verbal não é rica, ao contrário, o uso das expressões verbais são coloquiais, como “*oq vc ta fazendo?*”, “*tenho que sair agora*”. Por isso não está correta a alternativa E.

9. E